

VII Congresso Latino-Americano de Estudos do Trabalho. O Trabalho no Século XXI. Mudanças, impactos e perspectivas.

GT 18 – Psicología Social del Trabajo en América Latina: identidades y procesos de subjetivación, salud de los trabajadores, prácticas y producción de sentidos en lo cotidiano

As Construções Identitárias no Trabalho na Contemporaneidade: retrato de um grupo de trabalhadores de São Paulo (Brasil)

Marcelo Afonso Ribeiro

As Construções Identitárias no Trabalho na Contemporaneidade: retrato de um grupo de trabalhadores de São Paulo (Brasil)

Estudos atuais sobre identidade no trabalho têm apontado uma crise identitária gerada pela flexibilização sociolaboral. Através de entrevistas em profundidade, buscou-se identificar as principais construções identitárias no trabalho na contemporaneidade, realizando uma análise de conteúdo dos relatos de 40 trabalhadores de São Paulo (Brasil) que foram contrastadas com quatro categorias elaboradas a partir da sistematização da literatura especializada: nostalgia, fechamento, possibilidade e instrumentalidade. Os resultados indicaram a existência de dois movimentos antagônicos nas construções identitárias: a busca de estabilidade (nostalgia) ou de flexibilidade (possibilidade), com o enfraquecimento das identidades profissionais (fechamento), a constatação que a instrumentalidade é uma situação transitória, e que existem formas híbridas que não estavam previstas na sistematização proposta.

Objeto

O campo de estudos das identidades tem uma tradição extensa, tanto nas Ciências Sociais, quanto na Psicologia e, particularmente, na área específica da Psicologia Social do Trabalho e das Organizações com os estudos da chamada identidade no trabalho, embora nas últimas décadas ele tenha se intensificado, em função do momento de transição que o mundo sociolaboral tem vivido neste período.

Muitos autores têm relatado processos de flexibilização (Grote & Raeder, 2009), liquefação (Bauman, 2005), desencaixe (Giddens, 1991), fluidez e fragilização da identidade (Alvesson & Willmott, 1996), ou, até mesmo, processos de anti-identidade (Sveningsson & Alvesson, 2003), desidentidade (Bauman, 2005; Touraine, 1996) ou de difusão das identidades (Dubar, 2000), o que configuraria uma crise identitária na contemporaneidade.

Entretanto, se há a constatação de uma crise, e a fragmentação das referências para a identidade, simultaneamente há também a possibilidade de um campo de oportunidades, pois as pessoas teriam agora, potencialmente, uma margem de manobra para a mudança no trabalho de construção identitária, ou seja, teriam mais autonomia e menos referências seguras, ao mesmo tempo, tendo que ser mais ativos neste processo como um todo para lidar com a fragmentação e gerar continuidade e coerência, tão importantes para as identidades (Alvesson & Willmott, 1996; Ribeiro & Uvaldo, 2011; Sveningsson & Alvesson, 2003).

Com as mudanças gradativas contemporâneas geradoras de estruturas sociolaborais mais instáveis e flexíveis, a identidade tem deixado de ser apenas uma estrutura mais homogênea e produto de uma adaptação a uma ordem social predefinida, embora ainda seja isto também, para se transformar, parcialmente, em construções identitárias, mais heterogêneas, complexas e flexíveis, tornando-se um processo de construção contínua.

Neste sentido, uma possível maneira de analisar a identidade se dá através das propriedades da narrabilidade ou biograficidade, ou seja, pela capacidade de cada pessoa em construir uma biografia ou narrar sua história de vida com um senso de identidade, ao mesmo tempo, produto e projeto, articulando passado, presente e futuro, num processo de construção e significação de si com sentido para si e para o outro, que nomearemos de construção identitária no trabalho, como nos propõe autores contemporâneos como

Alvesson & Willmott (2002), Dickie (2003), Guichard (2009), Kirpal (2004), Savickas et al., (2009), numa ampliação dos conceitos mais tradicionais de identidade no trabalho propostos, por exemplo, por Sainsanlieu (1977).

Objetivo

Com base na definição de identidade acima proposta, o presente artigo visou compreender quais seriam as principais construções identitárias no trabalho desenvolvidas pelas pessoas na contemporaneidade através de uma estratégia com três etapas:

- a) Levantamento das principais sistematizações e tipificações propostas na literatura recente acerca desta temática;
- b) Articulação das sistematizações descritas numa proposta genérica de organização num quadro com quatro formas atuais de construções identitárias no trabalho;
- c) Análise das principais construções identitárias de trabalhadores urbanos da cidade de São Paulo (Brasil), com base nas formas propostas, através dos dados gerados por uma pesquisa sistemática que vem sendo desenvolvida há aproximadamente três anos com a temática central das possibilidades de construção identitária na contemporaneidade.

Metodologia

O método contou com duas etapas.

Na primeira etapa foi realizada uma pesquisa bibliográfica operacionalizada através do levantamento e articulação de uma proposta genérica das principais construções identitárias propostas na literatura recente, transformando-as em quatro categorias de análise (nostalgia, fechamento, possibilidade e instrumentalidade).

Na segunda etapa realizou-se uma pesquisa de campo através de entrevistas em profundidade com 40 trabalhadores urbanos da cidade de São Paulo, maiores de 35 anos, com uma história de vida no trabalho de pelo menos 20 anos, não importando se estivessem trabalhando ou não no momento, e com formação superior, em sua grande

maioria. As narrativas dos participantes foram transcritas e buscou-se identificar as principais construções identitárias no trabalho na contemporaneidade, realizando uma análise de conteúdo dos relatos do grupo de participantes, que foram contrastadas com categorias descritas pela sistematização da literatura especializada (Bardin, 1986).

Resultados

O primeiro resultado, oriundo da pesquisa bibliográfica, foi, a partir da sistematização da literatura recente da área, a organização das alternativas possíveis de processos de construção identitária em quatro categorias, sendo duas delas marcadas pelos modelos tradicionais da identidade organizacional (categoria nostalgia) e da identidade profissional/ocupacional (categoria fechamento); e duas delas pelas atuais construções de rede (categoria possibilidade) e desidentidade (categoria instrumentalidade).

E, a partir da utilização destas categorias na pesquisa de campo, o segundo conjunto de resultados apontou que, no grupo estudado, havia um predomínio de dois movimentos antagônicos de busca nas construções identitárias: estabilidade (nostalgia) e flexibilidade (possibilidade), com enfraquecimento das dimensões profissionais/ocupacionais (fechamento), e a emergência frequente da desidentidade como situação de crise (instrumentalidade), sendo que um terço dos participantes tinham construções de carreira híbridas ou mistas.

A proposta de sistematização de fenômenos psicossociais, como as construções identitárias, em formas genéricas, possui seus limites, pois tende a reduzir a realidade às categorias definidas. Entretanto, se o objetivo não é delimitar uma realidade, senão realizar um retrato dela com fins analíticos e exploratórios, pode ser uma estratégia interessante para a compreensão de aspectos do mundo do trabalho e dos trabalhadores e produzir uma abertura de pontes e diálogos entre investigadores de temas afins.

Em um momento de trabalho flexível e mutável, as pessoas constroem identidades transitórias, híbridas e, muitas vezes, contraditórias, sendo mais uma posição identitária que uma identidade estável, embora, em algumas situações de vida (pessoal e organizacional) sejam mais estáveis e permitam a permanência por largos períodos de tempo de uma mesma construção identitária, na qual distintos aspectos e facetas do

complexo da identidade emergem em determinadas situações ou momentos da vida (Castells, 2001; Sharim, 2005; Sveningsson & Alvesson, 2003).

Conclui-se que a heterogeneidade e a complexidade do mundo do trabalho atual demandam conceitos que consigam compreender este quadro, ao mesmo tempo em que, proponham categorias de análise dos fenômenos psicossociais deste mundo do trabalho.

Bibliografia principal

Alvesson, M. & Willmott, H. (1996). *Making sense of management: A critical analysis*. London, Reino Unido: Sage.

Alvesson, M. & Willmott, H. (2002). Identity regulation as organizational control: Producing the appropriate individual. *Journal of Management Studies*, 39, 619-644. doi:10.1111/1467-6486.00305

Bardin, L. (1986). *Análisis de contenido*. Madrid, España: Akal.

Bauman, Z. (2005). *Identidad*. Buenos Aires, Argentina: Losada.

Castells, M. (2001). *La era de la información. Vol. II: El poder de la identidad*. México, DF, México: Siglo XXI.

Dickie, V. A. (2003). Establishing worker identity: A study of people in craft work. *American Journal of Occupational Therapy*, 57, 250-261. doi:10.5014/ajot.57.3.250

Dubar, C. (2000). *La crise des identités: L'interprétation d'une mutation*. Paris, Francia: Presses Universitaires de France.

Giddens, A. (1991). *Modernity and self-identity*. Stanford, CA: Stanford University Press.

Grote, G. & Raeder, S. (2009). Careers and identity in flexible working: Do flexible identities fare better? *Human Relations*, 62, 219-244. doi:10.1177/0018726708100358

Guichard, J. (2009). Self-constructing. *Journal of Vocational Behavior*, 75, 251-258. doi:10.1016/j.jvb.2009.03.004

Kirpal, S. (2004). Researching work identities in a European context. *Career Development International*, 9, 199-221. doi:10.1108/13620430410535823

Ribeiro, M. A. & Uvaldo, M. C. C. (2011). Possibilidades identitárias contemporâneas em um mundo do trabalho flexibilizado. *Polis e Psique*, 1(1), 57-79.

- Sainsaulieu, R. (1977). *L'identité au travail: Les effets culturels de l'organisation*. Paris, Francia: Presses de la Fondation Nationale des Sciences Politiques.
- Savickas, M. L., Nota, L., Rossier, J., Dauwalder, J. P., Duarte, M. E., Guichard, J. ... van Vianen, A. E. M. (2009). Life designing. *Journal of Vocational Behavior*, 75, 239-250. doi:10.1016/j.jvb.2009.04.004
- Sharim, D. (2005). La identidad de género en tiempos de cambio: una aproximación desde los relatos de vida. *Psyke*, 14(2), 19-32. doi:10.4067/S0718-22282005000200002
- Sveningsson, S. & Alvesson, M. (2003). Managing managerial identities: Organizational fragmentation, discourse and identity struggle. *Human Relations*, 56, 1163-1193. doi:10.1177/00187267035610001
- Touraine, A. (1996). *¿Podremos vivir juntos? Iguales y diferentes*. México, DF, México: Fondo de Cultura Económica.